A CULTURA E O ENSINO SUPERIOR: UMA RELAÇÃO A EXPLORAR

A maior parte das vezes, ao falar-se em ensino superior, esquece-se a centralidade das dimensões culturais e simbólicas. Na verdade, o acesso, a permanência e o sucesso estão longe de dependerem exclusivamente de variáveis "académicas". Há muito que os sociólogos descobriram e explicaram os matizes das desigualdades e da sua reprodução, por meio da análise minuciosa das origens familiares, das primeiras socializações e do próprio funcionamento seletivo das instituições de ensino, mas ainda falta explorar o manancial das atividades culturais na abertura de horizontes de expectativa.

Gostaria, pois, de salientar que a vida cultural oferece um imenso potencial de integração. Muitos estudantes são formados no culto individualista dos percursos escolares, em que cada um se salva ou se afunda sozinho, alimentando uma competição por resultados escolares, à qual o frenesim dos rankings e a ansiedade das famílias não são alheios. Do mesmo modo, desenvolvem, face ao saber, uma relação instrumental, coisificando-o como algo exterior ao universo de significação e de subjetivação da identidade — um mero meio para o almejado "sucesso", tão abundantemente glosado na retórica do empreendedorismo de autoajuda. Acresce à solidão dos écrans a adição algorítmica e a enganosa disponibilidade da inteligência artificial, que restringem as possibilidades de contacto entre diferentes, padronizando e empobrecendo a diversidade de repertórios e o conhecimento da complexidade do mundo.

Arriscaria a hipótese de que boa parte dos estudantes universitários se encontra em situação de anomia, isto é, fragilizada pela lassidão dos laços sociais, desfiliada do coletivo, ensimesmada em rituais de emulação profundamente alienantes.

A cultura ajuda a abrir o mundo e a conhecer pessoas que acrescentam. Não me refiro meramente à cultura consagrada ou erudita, pois acredito na articulação eclética de gostos omnívoros que dialogam com estilos, géneros e objetos variados, nos espaços intersticiais entre as instituições de ensino, os territórios e as sociabilidades. Por isso, tal como a Universidade do Porto e a Casa Comum têm feito, é preciso não só tornar os seus espaços (bibliotecas, arquivos, museus) acessíveis, confortáveis, modernizados e interativos, como também lançar propostas de orçamento participativo, apostar no espaço público, criando "ocasiões" e "surpresas" que desafiem o conforto da modorra, apoiar

grupos formais e informais de criação cultural e abrir caminhos de comunicação com a cidade, os seus autores, as suas obras, as associações e os movimentos sociais.

Fazer cultura e fazer cidade não são apenas objetivos de cidadania, mas também instrumentos de ressignificação dos quotidianos e do sentido das aprendizagens. Ao envolverem-se em práticas culturais e dinâmicas urbanas partilhadas, os estudantes deslocam-se de uma relação estritamente instrumental com o saber para uma experiência do conhecimento mais situada, incorporada e relacional. A aprendizagem deixa de ser percebida como um meio para atingir fins externos (credenciais, empregabilidade ou estatuto) e passa a integrar-se numa rede de significados construída na interação com outros, com os espaços e as obras.

Neste sentido, a cultura opera como mediação entre o indivíduo e o mundo, permitindo reconfigurar as formas de atenção, de sensibilidade e de pertença. Ao frequentar um concerto, participar num coletivo artístico, colaborar numa iniciativa comunitária ou simplesmente habitar espaços culturais acessíveis e vivos, o estudante amplia o seu repertório simbólico e encontra outras gramáticas de interpretação da realidade. Estas experiências contribuem para quebrar o isolamento, contrariar a lógica competitiva e reintroduzir dimensões de partilha, de reconhecimento mútuo e de construção coletiva de sentido.

Por outro lado, a inscrição dos estudantes na vida da cidade promove uma pedagogia difusa, que ultrapassa os limites formais da sala de aula. A cidade torna-se um espaço de aprendizagem expandida, onde diferentes saberes — académicos, práticos, artísticos, experienciados — se cruzam e se interpelam. É neste entrelaçamento que se torna possível ressignificar não apenas os conteúdos aprendidos, mas também o próprio ato de aprender, que ganha espessura ética, estética e política.

Deste modo, investir na articulação entre cultura e cidade não é um complemento periférico à missão universitária, mas uma condição central para a formação de sujeitos mais reflexivos, criativos e socialmente implicados. Trata-se, em última instância, de devolver sentido às aprendizagens, reinscrevendo-as em trajetórias de vida que não se esgotam na lógica do desempenho, mas se abrem à complexidade, à alteridade e à construção de mundos comuns.